

Cartas

Envie sua carta para publicação via e-mail no site www.amf.org.br ou para o endereço Av. Roberto Silveira, 123 - Icaraí - Niterói – RJ

Agradecimento

No dia 16 de janeiro de 2007, uma terça-feira, recebi na portaria do edifício Moreira de Souza, onde resido no ap. 203, a Rua São João, no Centro de Niterói, o Of. Cire.GAB.009, datado de 08 de janeiro de 2007, com o convite para “uma justa e sincera homenagem”, parabenizando-me pelos meus 50 ou mais anos dedicados à Medicina, a título de Jubileu, no dia 23 de janeiro às 18:30h, na AMF, com agradecimentos antecipados a minha presença e de meus familiares.

Estou muito agradecido ao Cremerj e ao Dr. Paulo César Geraldês, presidente do mesmo, pelos meus méritos, se é que eles existem, e aproveito a oportunidade para expor e tornar público uma pequena parte de minha vida que existe somente no arquivo de minha memória, sobre minha infância e adolescência, até a presente data.

Nasci em Bangu, no dia 04/12/22, numa rua que, naquela época, era conhecida como Rua Bangu. Após alguns meses, eu, minha mãe e meu pai, que trabalhava na fábrica de tecidos, fomos morar na Rua Fonseca, nº 47, perto da fábrica citada, próxima à antiga Estrada Rio - São Paulo. Na esquina diametralmente oposta, ficava o Grupo Escolar Martins Júnior, onde, já sabendo ler e escrever, fiz o 1º e o 2º anos primários.

Algum tempo depois, meu pai conseguiu uma vaga na fábrica de tecidos do Barreto, em Niterói, a fim de melhorar o salário, e viemos, então, para esta cidade. Inicialmente, moramos na Rua Benjamin Constant, ao lado da igreja católica do Barreto, onde agora existe um edifício. Depois, nos transferimos para a Rua Dr. March, ao lado da fábrica de tecidos citada. Dali, como minha avó materna, que já era idosa e doente, tinha uma das suas filhas portadora de TP, e como naquele tempo não existisse remédio que a curasse, minha mãe foi ajudá-las em Bangu. Ali fui matriculado no Colégio Carvalho, da professora Estephania de Carvalho, que ficava no local onde passa atualmente a Avenida Amaral Peixoto. A dona do colégio teve, então, que se mudar e alugou um casarão na Rua Visconde de Uruguai, que dava os fundos para a Rua Visconde do Rio Branco, onde é, atualmente, o Colégio Plínio Leite.

Logo que minha avó e minha tia faleceram, em Bangu, minha mãe, retornando, matriculou-me no Colégio Brasil, no Fonseca, e comprou uma casa na Rua Manoel Benício, próximo ao citado colégio, onde fui cursar o ginásio, trazendo também, minha prima, filha da minha tia falecida, para criá-la. Depois do ginásio, resolvi estudar medicina, fazendo o pré-médico à noite, no Liceu Nilo Peçanha. Entrei para a Faculdade Fluminense, no ano de 1942, e, ao me formar, em 1947, já trabalhava como acadêmico no Pronto Socorro Central do Rio de Janeiro, de onde fui dispensado, ficando, desde a minha formatura e durante dois anos, desempregado, só exercendo a clínica médica em algumas farmácias e tratando de alguns doentes particulares.

Em 1960, fui aprovado no concurso para médico do ex-IAPI e comecei a trabalhar no Rio de Janeiro, chegando a ser chefe do Posto de Del Castilho. Mas com era muito longe, e tendo emagrecido demais, consegui a transferência para Niterói, onde atuei no posto central durante alguns anos. Depois, houve a fusão dos institutos, entre os

quais o ex-Inamps. Logo a seguir, me aposentei pela chamada lei-de-praia, pois durante a guerra fui convocado e servi, mas por doenças, fui considerado incapaz.

Antes de fazer o concurso para o ex-Iapi, fui admitido, em 1948, para exercer as funções de assistente extranumerário, sem vencimento, da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica e, depois de 1950, quando a faculdade foi federalizada, entrei na Justiça e consegui ser aproveitado como Professor de Magistério Superior, trabalhando nessa função na Policlínica do Valonguinho e, depois, no Huap até 1984, quando fui aposentado.

Depois de trabalhar algum tempo no ex-Iapi, comecei a dar plantões do Serviço de Emergência do Hospital Antônio Pedro, só conseguindo ser nomeado depois de um ano de trabalhos prestados. Me mantive ali por vários anos, inclusive quando houve a tragédia do incêndio do circo americano, em que o hospital foi aberto às pressas para atendimento aos inúmeros feridos, uma vez que se encontrava desativado por motivo de dificuldades financeiras. Após alguns anos de serviços prestados, quando a Faculdade de Medicina se instalou definitivamente no Huap, eu, por questões de saúde e comodidade, achei por bem pedir demissão do hospital, continuando a trabalhar na parte de magistério e assessoria da direção do mesmo.

De modo que agora conto com duas aposentadorias, minguadas, é bem verdade, mas melhor que nada, sendo uma no Ministério da Saúde, para onde foram encaminhados todos os médicos aposentados do ex-Inamps, e, o da UFF, da qual me aposentei como professor, em 1986.

Em 10/03/58, quando foi criado o Conselho Regional de Medicina, me inscrevi sob o número 21, recebendo minha inscrição o nº 52.000-21-1. Daí eu ter comemorado, no dia 23/01/07, o meu Jubileu em nome dos conselheiros da Causa Médica.

Niterói, 23 de Janeiro de 2007
Hugo Faria